

LETRAMENTO LITERÁRIO ATRAVÉS DO ENSINO DE ARTES

Luiz César Barbosa da Silva¹(UAG-UFRPE)
E-mail: cesar-uag@bol.com.br

RESUMO: A leitura atende a diversas finalidades e, entre elas, o deleite, a fruição e a reflexão. Todavia, nas práticas escolares que envolvem leitura, existem docentes que utilizam os gêneros literários apenas como mecanismo para o ensino da língua, ou são vistos como mero passatempo. Nessa perspectiva, repensar e ressignificar a práxis pedagógica de leitura de gêneros literários devem implicar na promoção do letramento literário- uma discussão que precisa ser vinculada na escola. À luz de teóricos como Cosson (2007), Bordini & Aguiar (1993), Cândido (1995), dentre outros perspectivas dialógicas entre a escola e o letramento literário, práticas pedagógicas de leitura são implementadas em uma escola da rede pública da cidade de Garanhuns-PE, através do Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID). As ações pedagógicas propostas objetivam desenvolver o letramento literário através de uma abordagem interdisciplinar com o ensino de artes; ampliar a compreensão leitora dos alunos sobre gêneros textuais literários vinculados às manifestações artísticas da época; e desenvolver práticas pedagógicas diversificadas de leituras e, conseqüentemente, possibilitar práticas diversificadas de aprendizagens.

Palavras-chaves: Letramento Literário. Ensino de Artes. PIBID.

¹ Graduado em Licenciatura em Pedagogia através da Unidade Acadêmica de Garanhuns-Universidade Federal Rural de Pernambuco, graduando em Letras/Inglês e suas respectivas literaturas na mesma instituição superior e discente do PIBID.

INTRODUÇÃO

A leitura proporciona diferentes funções e finalidades, sejam elas para o deleite em deliciar-se em uma obra de romance ou para a escrita de um documento em uma esfera jurídica, acadêmica, entre outros. A leitura proporciona um contato com pessoas, seres, criaturas de épocas diferentes, abre um leque infinito ao conhecimento e a fruição. A escola como espaço privilegiado da construção da cidadania deve promover uma discussão sobre mecanismos que desencadeiem a leitura não apenas como deleite ou instrumento da língua e sua aquisição, mas como fomentadora do letramento literário.

É comum nos depararmos com as seguintes indagações: Como formar alunos leitores? Como trabalhar a leitura literária em sala de aula? Como motivar os alunos a adentrarem esse universo? Esses questionamentos são bastante frequentes entre os professores e pessoas da área educacional que lidam com esse desafio. Pensando nessas questões Cosson escreve um livro com experiências de letramento literário com o enfoque justamente nessa alfabetização literária.

Com o avanço tecnológico e o uso cada vez maior pelos adolescentes e jovens dessas ferramentas, a leitura precisa ganhar uma roupagem mais atraente para despertar o letramento literário. Porém existe uma diferença entre letramento literário e leitura literária por fruição, todavia uma depende da outra. Segundo Cosson (2007), a literatura deve ser ensinada na escola, pois:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (p. 23).

Em consonância com a teoria de Cosson, o discente para ter o deleite na leitura ele precisa antes passar pelo o processo de letramento literário. Nessa questão, a escola ocupa o papel fundamental de responsável pela a construção de leitores, leitores estes que ultrapassem a questão decodificadora entendidas por muitos equivocadamente com letramento. *Leitores que sejam críticos e cidadãos atuantes de fato (COSSON, 2007, p. 65).*

No sentido de motivar os alunos no processo de letramento literário, trabalhar a leitura interdisciplinarmente com artes proporciona um leque imensurável de métodos para fomentar essa práxis pedagógica, uma vez que a arte é condutora de qualquer

conhecimento. Desta maneira a Abordagem Triangular da Arte-Educadora Ana Mae Barbosa, possibilita através do ler, fazer e contextualizar um caminho a ser desvelado no processo do letramento literário.

De acordo com Eisner (2004), citado por Cunha (2010):

[...] muitas das formas de pensamento mais complexas e sutis têm lugar quando os estudantes têm a oportunidade de trabalhar de uma maneira significativa na criação de imagens, sejam visuais, coreográficas, musicais, literárias ou poéticas, ou a oportunidade de poder apreciá-las (p. 14).

Como podemos ver a interdisciplinaridade com artes proporciona aos estudantes a possibilidade de criar, experimentar e recriar. Nesse sentido a importância do diálogo com outras obras se faz fundamental para ampliar os conhecimentos. Barbosa (2002) afirma que:

Com a atenção que a educação vem dando às novas tecnologias na sala de aula, torna-se necessário não só aprender a ensiná-las, inserindo-as na produção cultural dos alunos, mas também para a recepção, o entendimento e a construção de valores das artes tecnologizadas, formando um público consciente (p. 111).

Como também é visto na abordagem triangular, o letramento literário não deve ser algo a ser trabalhado a parte, mas que dê subsídios de criar e recriar dialogando com outros saberes.

1 LETRAMENTO LITERÁRIO

O letramento literário é diferente dos outros tipos de letramento uma vez que a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, ou seja, cabe à literatura [...] *tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas*” (COSSON, 2007, p. 17). Depois, o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma. O mesmo precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar.

São muitas as questões que envolvem o processo do letramento literário. Essa construção deve ser fomentada através de práticas que motivem e questionem os alunos, com situações onde aja o compartilhamento com os demais, como aponta Cosson (2007):

[...] na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura (p. 65).

Sob a perspectiva de Cândido (1995), a literatura tem um papel humanizadora, já que possibilita o homem fantasiar, sonhar, repensar a realidade, além de promover o conhecimento de mundo e de si mesmo. Sendo assim, essa humanidade se torna exequível, pois:

[...] ao confirmar e negar, propor e denunciar, apoiar e combater, a literatura possibilita ao homem viver seus problemas de forma dialética, tornando-se um "bem incompressível", pois confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (CÂNDIDO, 1995, p. 243).

É preciso que os formadores tenham a consciência de que ensinar literatura não trata-se de adotar um livro paradidático e organizar uma mera esquematização de datas, personagens, roteiro, autor. Muitos alunos perdem o gosto pela leitura, justamente pelo fato de que, salvo exceções, os livros não atendem as suas necessidades, curiosidades e vontades. Ler, ou ser, letrado literariamente é uma viagem que pode possibilitar grandes aprendizagens, quando o professor dar sentido a sua prática, como afirma Freire (1996) *é pensando criticamente a prática de hoje, ou a de ontem, que se pode melhorar a próxima prática.* (p. 39).

O letramento está ligado à compreensão de leitura e escrita como práticas sociais, tem um sentido ampliado da alfabetização, pois consiste em práticas de leitura e escrita, que vão além da alfabetização funcional, em que indivíduos são alfabetizados, mas não sabem fazer uso da leitura e da escrita; muitos não têm habilidade sequer para preencher um requerimento. É por esta razão que, o comprometimento com o ensino da leitura é fundamental e precisa ser visto com outros olhos, já que temos índices elevados de alunos que não compreendem aquilo que estão lendo, e muitas vezes a culpa está nas práticas mal sucedidas ou tradicionais.

O professor, como mediador, tem papel fundamental no processo de formação leitora, é importante que haja além de um gosto pela leitura, atividades que possam superar expectativas, além de um planejamento e uma dedicação extrema. A prática de um professor que não tem noção do que está fazendo, só serve para afastar o aluno da leitura. E se o professor quer formar um aluno leitor, antes de tudo, ele tem que ter a prática leitora, ou seja, ser leitor.

Usar Arte e Literatura, além de ousado é algo que mexe com muitas especificidades ao mesmo tempo e isso forma um estudante completo. Fazer com que o aluno tome consciência da necessidade de transformação de si mesmo e do mundo pode ser uma forma de sensibilizá-lo para a leitura, a literatura e a realidade. É preciso ensinar o aluno a fazer a vinculação entre o lido e o vivido. E assim, contribuir para um letramento literário cheio de significados e significações.

2 DIALOGANDO COM ARTES

Como foi visto até aqui, o letramento literário envolve muito mais que ler e decodificar. *Os defensores do mero prazer, por vezes, são contraditórios, pois o único valor que atribuem à literatura é o reforço das habilidades linguísticas (COSSON, 2007, p. 29).*

Dialogando interdisciplinarmente com artes temos várias possibilidades de desenvolvermos o letramento, motivando os discentes nas práticas de leitura onde a criticidade faça parte constante desse exercício. Esse caminho do ler, fazer e contextualizar é a base da abordagem triangular que conduz sistematicamente o conhecimento, partindo da mediação professor/conhecimento/aluno. Para Ana Mae,

A abordagem triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com mediação do próprio professor, acerca do mundo visual e não uma “educação bancária” (BARBOSA, 1998, p. 40). [...] não basta ensinar arte com horário marcado, é necessário ensinar interdisciplinarmente para provocar a capacidade de estabelecer relações, assim como é recomendável introduzi-la transversalmente em todo o currículo, provocando a imbricação de territórios e a multiplicação de interpretações (BARBOSA, 2002, p. 26).

A abordagem triangular parte do princípio que Freire aponta como educação emancipadora do sujeito. Educação que implica na construção de sujeitos críticos e atuantes no contexto em que estão inseridos. Para criar tais possibilidades se faz necessário que o professor conceba o educando enquanto sujeito dotado de conhecimentos e autônomo no processo de aprendizagem, ou seja, eles devem ser concebidos como os principais agentes transformadores de seus contextos sociais, econômicos, culturais e políticos. *É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História (FREIRE, 1996, p. 54).*

O discente não pode ser considerado como um depósito de conhecimentos, onde o professor apenas transfere saberes. Ele deve ser entendido como um sujeito cognocente que constrói sua própria aprendizagem, através das interações que constroem com o meio. Dessa forma pode-se afirmar que a aprendizagem torna-se exequível na medida em que há troca de conhecimentos entre professor-aluno-professor, bem como através das relações que o aluno estabelece com o mundo. *Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção e/ou a sua construção* (FREIRE, 1996, p. 47). Em consonância com essa perspectiva Ana Mae nos fala que:

Não é possível uma educação intelectual, formal ou não formal, de elite ou popular, sem arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento presentacional que caracteriza a arte (BARBOSA, 2002, p. 5).

Esse desenvolvimento integral da educação intelectual se faz no dialogismo com outros saberes, colocando o aluno frente a questões que desperte sua curiosidade e motivação. Prover meios que despertem a curiosidade, vai contribuir a promover a compreensão do conhecimento de mundo da criança, do adolescente, do jovem levando-os a buscarem respostas para suas inquietações de forma a reformularem suas concepções, conforme aponta Freire (1996): *Não haveria criatividade sem curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos* (p. 32).

Seguindo esse pressuposto, a arte desencadeia esse processo de curiosidade, humanização da escola e relações de letramentos. O viés da arte é um caminho preponderante na formação da identidade e compreensão da mesma. Assim pela a [...] *acomodação na dependência, estamos perdendo uma oportunidade de transformar a arte no meio de humanizar a escola e de ajudar a formação de uma identidade cultural* (BARBOSA, 1990, p. 121). Sobre o processo criativo Ana Mae afirma:

Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisara a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar realidade que foi analisada (BARBOSA, 2002, p. 18).

Interdisciplinando artes com literatura observamos que uma está interligada na outra, já que as manifestações artísticas culturais em diversos períodos retratavam a realidade em que estavam sendo (re) produzidas. Trazendo essa concepção para a sala

de aula, possibilitamos ao educando um contato cosmovisor, isto é, através da leitura de imagem relacionada ao seu contexto sócio-histórico-cultural ele terá uma visão mais ampla do contexto literário em que está desvelando. Hernández (2000) fala que:

Quando a aprendizagem é proposta como uma produção ativa de significados, transforma-se numa manifestação das possibilidades dos seres humanos, por exemplo, de sintetizar informação complexa e díspar de maneira coerente, de observar situações a partir de diferentes pontos de vista ou de estar conscientes dos preconceitos determinados diante dos fatos e fenômenos (p. 178).

Nessa perspectiva as imagens nos ensinam a pensarmos e refletirmos, possibilitando uma preparação para compreender os ensinamentos a serem desenvolvidos. Barbosa (1998) endossa essa visão ao afirmar que:

[...] a maior parte de nossa aprendizagem informal se dá através da imagem e parte dessa aprendizagem informal é inconsciente. A imagem nos domina porque não conhecemos a gramática visual e nem exercitamos o pensamento visual para descobrir sistemas de significação através das imagens (p. 138).

Dessa maneira, o uso de leitura de imagens deve ser uma prática mais constante, uma vez que estamos em contato com o visual diariamente. Relacionando teoria e prática estaremos facilitando a formação leitora e artística do estudante.

3 METODOLOGIA

Tendo em vista a relevância da arte, interdisciplinamos com literatura práticas pedagógicas que estão sendo implementadas na Escola Estadual Instituto Presbiteriano de Heliópolis (IPH), localizada na cidade de Garanhuns-PE, com uma turma do segundo ano do ensino médio, com o contingente de quarenta e oito alunos na faixa etária de 16 a 17 anos. Após efetivar diagnóstico da turma e verificar a temática a ser trabalhada com eles, buscamos vincular os gêneros literários característicos com as artes visuais produzidos no período correspondente, possibilitando, ao alunado, buscar novas formas de aprendizagem e, em relação a minha formação, diversificar práticas pedagógicas para intensificar a aprendizagem dos alunos.

Criamos um perfil na rede social do *facebook*, onde discutimos textos e assuntos abordados em sala de aula. Realizamos uma semana de oficinas de artes visuais, exposição de filmes como releitura de gêneros literários, e aulas campo, como a visita ao Instituto Ricardo Brennand (IRB). Além disso, rodas de discussões em consonância

com os textos, filmes e imagens trabalhadas dentro e fora de sala de aula, foram implementadas, ampliando os recursos didáticos e conseqüentemente as aprendizagens.

Essas atividades vêm sendo vinculadas ao Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), que objetiva contribuir na formação inicial docente e melhorar o contexto educacional onde o programa está sendo desenvolvido. Esse projeto ainda está em andamento, porém já trás resultados significativos. A práxis pedagógica abarca a luz teórica de a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, o letramento literário na visão de Cosson, Lopes, Zabala, além de contribuições de Freire, entre outros.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

Através de metodologias diversificadas, rodas de discussões, rede social, aula de campo, percebemos uma maior interação entre os alunos, amenizando ocorrências de *bullying*, fato percebido durante o diagnóstico da turma. Também como resultado do diagnóstico feito, o interesse em estudar um curso superior desenvolveu-se plenamente, sendo que era algo não almejado por quase toda turma.

Os alunos passaram a se inteirare co-participar do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que eles, hoje, trazem sugestões de atividades artísticas e de leituras a ser efetivadas. A participação nas atividades vem se tornando enriquecedor não só para eles, mas principalmente para nós que estamos em processo de formação acadêmica, abrindo um leque de visões que só são possíveis através do contato direto no contexto escolar. Algo que é real através do PIBID. Por meio da rede social da turma, foi aberto um canal de aprendizagem e ao mesmo tempo de estreitamento das relações sociais entre aluno/aluno, professor/aluno.

Com as atividades propostas e realizadas percebemos um interesse maior e envolvimento no processo de ensino/aprendizagem, além do comportamento da turma ter melhorado, no sentido de concentração, atenção e produção.

As discussões sobre o assunto estudado vêm sendo uma frequência constante. Foi proposto aos alunos escreverem sob minha orientação uma peça teatral, na qual se encontra em desenvolvimento. A peça é uma releitura do filme de Luiz Bolognese “Uma história de amor e fúria”, dialogando com os textos literários que fora estudado e pesquisas por eles fomentadas.

O projeto está em plena atuação com notórias mudanças de aprendizagens, como a escrita que vem paulatinamente sendo melhorada e enriquecimento do vocabulário. O contato direto com as obras de artes estudadas e as rodas de discussões vem

contribuindo numa postura crítica e posicionamento dos estudantes, algo muito positivo e esperado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos anteriormente à escola ocupa um papel preponderante na promoção do letramento literário e essa prática é influenciada diretamente através dos mecanismos empregados pelo o professor para estimular e fomentar esse pressuposto dentro e fora de sala de aula. O ensino interdisciplinar de artes conduz o viés entre a leitura e o letramento, resultando numa prática inovadora e significativa no processo ensino/aprendizagem e na formação leitora.

O presente projeto fomentado pelo o PIBID vem proporcionando aos alunos um encontro literário amplo agregando produções de suas próprias vivências e interligando ao contexto literário, com atividades de leituras de imagens, visitas a museus e releitura de filmes. O trabalho ainda está em andamento com a produção de uma peça coletiva sobre o Brasil dividida em quatro etapas da história do país e fazendo uma projeção para o futuro.

Em linhas gerais, podemos dizer que as ações pedagógicas já estão alcançando seus objetivos, trazendo novas possibilidades de ensino através da linguagem artística no processo de letramento literário. Temos ainda uma caminhada a trilhar até a conclusão desse trabalho, no qual objetivamos ao término do mesmo, discentes letrados e atuantes no processo de ensino-aprendizagem, no qual fazem parte.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Política Cultural como prefácio: O museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo: Banco Safra, 1990.**

_____. **A imagem no ensino de arte: anos 80 e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. **Arte-educação: leitura no subsolo.** São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Tópicos utópicos.** Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. Vários escritos. **O direito à Literatura**. 3. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

CUNHA, Fernanda Pereira da. A abordagem triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores de cultura visual**: transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.